

---

# O ESPECTRO DE JAIME CORTESÃO: A FABRICAÇÃO DA GEOPOLÍTICA BRASILEIRA DE GOLBERY DO COUTO E SILVA (1952-1967)

## Douglas André Gonçalves Cavalheiro

Possui licenciatura plena em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2010) e mestrado em Filosofia, na área de Metafísica, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2014). Atualmente é professor de filosofia da Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte. Também é graduando de História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e, bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq da base de pesquisa Cartografia Imaginária (2015). E-mail: [douglas.cavalheiro@gmail.com](mailto:douglas.cavalheiro@gmail.com)

**O ESPECTRO DE JAIME CORTESÃO: A FABRICAÇÃO DA GEOPOLÍTICA BRASILEIRA DE GOLBERY DO COUTO E SILVA (1952-1967)****THE SPECTRUM OF JAIME CORTESÃO: THE MANUFACTURE OF BRAZILIAN GEOPOLITICS BY GOLBERY DO COUTO E SILVA (1952-1967)**

Douglas André Gonçalves Cavalheiro

**RESUMO**

A *história dos espaços* apresenta a transformação das concepções do espaço ao longo da temporalidade. A Escola Superior de Guerra (ESG) funcionou como um centro produtor e disseminador de concepções estratégicas sobre o espaço, com a utilização de projeções cartográficas sobre a espacialidade geopolítica brasileira presente nas apostilas de Golbery do Couto e Silva. Através desses mapeamentos observam-se referências das palestras realizadas por Jaime Cortesão no Ministério das Relações Exteriores, durante a década de 1940. Essas fabricações causaram uma profunda influência na espacialidade brasileira. Portanto, é possível estabelecer um elo de continuidade na fabricação geopolítica brasileira entre a cartografia de Jaime Cortesão e os escritos de Golbery do Couto e Silva, nos anos 1950.

**PALAVRAS-CHAVE:**

História dos Espaços, Geopolítica, Escola Superior de Guerra.

**ABSTRACT**

The *history of the space* shows the transformation of the space's conceptions throughout temporality. The Escola Superior de Guerra (ESG) served as a producer and disseminator of strategic space's conceptions, using cartographic projections about Brazilian's geopolitical spatiality present in the Golbery do Couto e Silva handouts. Through these mappings it's possible to observe the influence by Jaime Cortesão's lectures at the Ministry of Foreign Relations, during the decade of 1940. These fabrications caused a deep influence in the productions over the Brazilian spatiality. Therefore, it's possible to establish a continuity link in Brazilian geopolitical fabrication between the cartography of Jaime Cortesão and the writings of Golbery do Couto e Silva, in the 1950s.

**KEY WORDS:**

History of Spaces, Geopolitics, Superior School of War.

**INTRODUÇÃO<sup>1</sup>**

A sociedade fabrica as suas espacialidades, que por sua vez, são consequências de ações antropogênicas. Todas as instituições sociais delimitam e demarcam concepções distintas de recintos. Para investigar a produção e as transformações do espaço ao longo da história é utilizada a abordagem metodológica da *história dos espaços*, proposta por Renato Amado Peixoto (2011). Por meio dessa perspectiva é presumível ressaltar que o espaço nacional brasileiro foi fabricado no decorrer dos séculos XIX e XX.

Em 1838, durante o Segundo Reinado, a elaboração da espacialidade coube ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), lugar no qual se reuniam os intelectuais, que realizaram produções cartográficas e corográficas, sob a finalidade de produzir uma identidade territorial do Brasil. Seguindo a investigação da *história dos espaços* é possível observar que esse processo teve continuidade ao longo do século XX. Em 1949, com a criação da Escola Superior de Guerra (ESG), a cartografia será desenvolvida com uma abordagem geopolítica em defesa da segurança nacional. Golbery do Couto e Silva, um de seus intelectuais, utilizou as concepções cartográficas, na projeção azimutal equidistante, sobre o espaço brasileiro seguindo influências dos trabalhos de Jaime Cortesão.

No Ministério das Relações Exteriores, Cortesão realizou várias palestras que utilizavam a linguagem cartográfica para abordar o expansionismo brasileiro para o oeste do continente americano. Em suas palestras, Cortesão destacou a função da diplomacia de Alexandre de Gusmão ao organizar o Tratado de Madri (1750), antecedendo a visão de um espaço nacional. Ele também compreendeu, de maneira positiva, a atitude expansionista bandeirante, sendo o resultando dessa ação importante para conquista de maior território nacional. Suas palestras serão publicadas com o título *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid* (1950). Posteriormente, ele escreveu *Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil* (1958). A cartografia é utilizada por Cortesão como uma maneira de consolidar suas posições históricas sobre a formação do território brasileiro. Esses trabalhos realizados durante a década de 1940 e 1950 tiveram uma profunda influência no pensamento geopolítico

---

<sup>1</sup> Artigo resultado da investigação de iniciação científica de 01 de agosto de 2015 até 31 de julho de 2016, financiado pela PROPESQ-UFRN, sob a orientação do professor Dr. Renato Amado Peixoto, inserido no projeto de pesquisa: “As fabricações de Jaime Cortesão: a formulação e construção da História da Cartografia, da Formação Territorial do Brasil e das figuras de Alexandre de Gusmão e do Barão do Rio Branco entre 1930 e 1960”.

da ESG, criada no mesmo período. A partir de uma construção cartográfica azimutal equidistante, Golbery do Couto e Silva soma seu discurso de integração nacional, em busca da segurança territorial, ao de formação da identidade nacional.

A *história dos espaços* é resultado de um desenvolvimento metodológico da pesquisa sobre as espacialidades. A maneira de compreender o espaço da Escola Superior de Guerra também se transformou ao longo do tempo. É preciso também dialogar desde as concepções iniciais, próximas ao marxismo revisado dos anos de 1960, que apresentam a ESG como um instrumento ideológico do Estado, orientações ainda presentes em trabalhos atuais como os de Everton Rodrigo Santos (2007)<sup>2</sup>. Também é importante destacar as contribuições de Douglas Biagio Puglia (2012) que utiliza dos ideais políticos como elementos centrais para formação da ESG. A partir disso, é possível conceber a metodologia da *história dos espaços* como um desenvolvimento historiográfico contínuo, com a finalidade de compreender as formações espaciais.

A presente investigação utilizou como fonte primária as apostilas inéditas escritas, pelo então na época, tenente-coronel Golbery do Couto e Silva para os cursos realizados na Escola Superior de Guerra entre 1952 - 1955, os quais foram instrumentos de base para seus trabalhos posteriores na década de 1960. Todas as apostilas originais foram acessadas no Rio de Janeiro por Luiz Henrique Felício do Nascimento, mestrando orientado pelo professor Dr. Renato Amado Peixoto, que realizou fotocópias do material em julho de 2015, e, em outubro do mesmo ano, todos os escritos foram digitalizados para se tornar acervo do grupo de pesquisa. As apostilas também foram as fontes da dissertação de Nascimento, defendida em 2016, intitulada: *O Ocidente como Ideal, Propósito e Programa: A ESG e a Geopolítica do Brasil de Golbery do Couto e Silva*.

## A ESPACIALIDADE: A FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA DA HISTÓRIA DOS ESPAÇOS

<sup>2</sup> Mestre e doutor em ciência política, Santos possui a temática da ESG em seus estudos desde os anos de 1990. A abordagem geopolítica é mais comum nos últimos trabalhos sobre a ESG, mas Santos, influenciado por uma tradição marxista, utiliza a concepção de ideologia exposta por Thompson. Cf. SANTOS, Everton Rodrigo. **Ideologia e dominação no Brasil (1974-1989): Um estudo sobre a Escola Superior de Guerra. Sociedade e Estado**. Brasília, vol. 22, no.1, p. 153-185, jan./abr. 2007.

O vocábulo *espaço*, proveniente do radical latino *spatium*, segundo o *Dicionário Aurélio*, significa uma área delimitada pela distância de dois pontos. Essa definição fundamentada nos postulados da geometria euclidiana explica a definição da espacialidade na condição de uma objetividade pura e apriorística. No entanto, a ação de fixar limites e criação de fronteiras, na qual resulta na formação do espaço, é consequência da construção contínua das interações sociais. Por isso, “pensar o espaço não é apenas entender sua representação, considerar sua inscrição, perscrutar sua construção; é também necessário buscar suas conexões.” (PEIXOTO, 2011a, p. 157). Ou seja, o mapeamento espacial é realizado à luz das impressões pessoais e concepções culturais de seus produtores. Tais representações espaciais possuem marcas da identidade dos grupos sociais que as elaboram.

Em sua gênese, o espaço surge de uma prática discursiva. Todas as representações espaciais que são criadas foram, posteriormente, fundamentadas através do desenvolvimento de mapeamentos cartográficos, com a finalidade de legitimar um discurso de poder realizado por algum grupo de indivíduos, ou uma instituição pública, como o Estado. Portanto, a investigação sobre essa maneira de discurso seria de função cabível ao historiador dos espaços, o qual também seria um cartógrafo, pois, o método cartográfico é uma técnica “extensiva a todo o campo social, no que se resultaria expor as relações de força que constituem o poder”. (PEIXOTO, 2011a, p. 157).

O mapeamento é uma atividade elaborada por meio da linguagem simbólica que estabelece uma representação de espacialidade independente do território, sendo assim, uma produção diversificada. Além de fixar delimitações, a cartografia deve investigar a sua produção. “A ideia de uma produção do espaço autônoma e múltipla pode ser mais aprofundada se entendermos ainda a existência de ‘lugares’ produzidos, os ‘espaços imaginários’ e as ‘localizações’ que interagiram com aquele através de sua inscrição no mapa.” (PEIXOTO, 2011a, p. 165). Portanto, toda produção do espaço implica na existência de um conhecimento sobre a sua definição, sob a qual as instituições públicas elaboram *políticas de espaço*. A compreensão do processo entre as produções das espacialidades e o Estado é investigada por meio do conceito de *geopoder*:

A partir da investigação das performances do Estado, das instituições ou dos organismos e grupos que lhe estão vinculados a estudar o que respeito à construção e operação do espaço, ou seja, as práticas espaciais, materiais e representacionais operadas a partir do Estado ou sob sua influência, por exemplo, o estudo das práticas sobre o espaço a partir de instituições/organismos ligados ao governo ou Estado

como: as forças armadas, os ministérios das relações exteriores os partidos políticos e os institutos históricos e geográficos. (PEIXOTO, 2011a, 146-147).

As várias instituições públicas, institutos históricos e geográficos, ministérios das relações exteriores e centros de formação do Estado Maior das Forças Armadas são os protagonistas nas fabricações da espacialidade brasileira. Esse processo de produção do espaço associado com a identidade nacional brasileira foi realizado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). As produções dessa instituição visavam construir um passado em comum, no qual requeria “a inscrição da Nação num território reconhecido e recortado por limites bem conhecidos, (...), buscando-se, assim, constituir um sentido de finalidade mais amplo entre todos os grupos que se julgavam poder reunir num dado momento.” (PEIXOTO, 2011a, p.13-14). As conexões entre as produções de espaço no Brasil se desenvolveram a começar pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no qual sua fundação ocorreu devido a necessidade de problematizar a constituição de identidade e do espaço diante das demandas do Estado. Por isso, é necessário declarar que “não havia Nação porque não havia território e não havia território porque este não estava enunciado por uma narração do espaço, uma vez que este tinha de ser fundamentada numa articulação temporal que devia ser reconhecida pelas elites que então formulam o Estado”. (PEIXOTO, 2011a, p. 114).

A partir disso, é perceptível que há uma dupla condição no processo de formação da espacialidade; uma referente à representação do espaço, e outra a sua formação. Por exemplo, a Carta Corográfica do Império do Brasil que seria uma representação do espaço brasileiro. Essa primeira condição para investigação da historicidade do espaço, seria categorizada como uma *história das concepções dos espaços*. A outra fundamentação metodológica que investiga a formação das espacialidades é a *história dos espaços*, na qual “teria como tarefa examinar as produções que relatam e cuidam da expansão do Estado e de seus meios e perscrutar o processo de inscrição de suas espacialidades e territorialidades.” (PEIXOTO, 2011b, p. 119).

Com base na *história dos espaços* é razoável estabelecer uma continuidade na elaboração da espacialidade brasileira. As produções espaciais realizadas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, durante o século XIX, concomitantemente se desenvolveram durante as palestras sobre Formação Histórica do Brasil de Jaime Cortesão, durante a década de 1940, proferidas no Ministério das Relações Exteriores. No contexto histórico desse período, havia uma nova demanda institucional para formação de uma espacialidade brasileira. Assim, “a cartografia ganhava grande impulso com a Segunda Guerra

Mundial, e o IRB (Instituto Rio Branco) surgia da pretensão do Ministério das Relações Exteriores (MRE) em forjar, então, uma instituição acadêmica voltada para a pesquisa e a formação continuada de diplomatas”. (PEIXOTO, 2015, p. 48).

Em 1944, os cursos lecionados por Cortesão no Itamaraty são orientados a partir da finalidade de estabelecer a história da cartografia brasileira. Por meio da narrativa dos mapeamentos seria possível apresentar, de maneira pedagógica, a formação do território nacional. Como resultado desses cursos, haverá uma nítida influência nas ações da política externa brasileira na reformulação do pan-americanismo no contexto da Segunda Guerra Mundial<sup>3</sup>. Cortesão apresenta as iniciativas diplomáticas de Alexandre Gusmão e o Barão de Rio Branco como protagonistas da formação territorial brasileira. A *história dos espaços* fundamenta a existência de uma *cena de produção historiográfica*, por meio das iniciativas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo Ministério das Relações Exteriores. (PEIXOTO, 2014, p. 185).

A cartografia será a linguagem padrão que essas instituições farão para criação do espaço nacional. O fenômeno semelhante aconteceu nas instituições militares, durante os cursos de geopolítica brasileira, apresentados por Golbery do Couto e Silva na Escola Superior de Guerra. A cartografia iniciou a sua independência acadêmica durante a década de 1940, “a partir da crescente importância atribuída ao Planejamento nas políticas de Estado, das grandes transformações nos transportes civis e da crescente mobilidade dos meios militares, as quais emprestaram uma nova relevância aos mapas.” (PEIXOTO, 2014, p. 186).

Na Escola Superior de Guerra a concepção de espacialidade será desenvolvida a partir da área estratégica. A delimitação dos espaços estratégicos será fundamental dentro dos estudos de Golbery do Couto e Silva, pois, norteará todas as ações públicas voltadas à segurança nacional e ao desenvolvimento econômico, integrando as diversas áreas do país consideradas vulneráveis. Tudo isso com a finalidade de garantir a soberania do Estado num território diante dos seus vizinhos. Nas apostilas, *Os Estudos Estratégicos de Áreas; Conceito e Caracterização de Áreas Estratégicas*, escrita em 23 de abril de 1953, e, *Conjuntura Nacional – Aspectos Geopolíticos*, escrita em 26 de maio de 1954, das palestras realizadas por

---

<sup>3</sup> Em 1942, numa entrevista ao jornal *A Manhã*, Jaime Cortesão dissertou sobre a influência do diplomata lusitano Alexandre Gusmão nos ideais *pan-americanismos* de James Monroe e de Simon Bolívar. (PEIXOTO, 2013, p.9-10).



Golbery do Couto e Silva na Escola Superior de Guerra fabricaram as definições cartográficas sobre as dimensões estratégicas do Brasil, trilhando eventuais políticas públicas durante o regime militar.

Essas apostilas não apenas influenciaram o quadro de oficiais gerais da Escola Superior de Guerra, também foram alicerces para edições publicadas posteriormente; como *Planejamento Estratégico* (1955) e a *opus magnum: Geopolítica do Brasil* (1966). Contudo, a utilização da linguagem cartográfica por Golbery do Couto e Silva, na qual irá fundamentar todo seu pensamento geopolítico, será baseada nas concepções espaciais elaboradas por Jaime Cortesão durante os cursos sobre a Formação Territorial do Brasil em 1944 no Ministério das Relações Exteriores.

### **A GEOPOLÍTICA DE GOLBERY: AS INFLUÊNCIAS DE JAIME CORTESÃO NA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA**

A Escola Superior de Guerra, fundada durante o governo Dutra em agosto de 1949 pela lei 785/49, foi fruto das relações desenvolvidas entre os generais brasileiros e americanos depois das experiências da Segunda Guerra Mundial. Os militares brasileiros, General Obino e Cordeiro de Farias, tomaram como referência o *National War College* para desenvolver, no Brasil, uma organização semelhante submetida ao Estado Maior das Forças Armadas (EMFA). Também foi estudada a estruturação de organizações francesas, como o *Institute de Hautes Études de la Défense Nationale* (IHEDN). Ao analisar o discurso do fundador, General Cordeiro de Farias, Peixoto (2000) expõe que “a ESG seria o híbrido de dois institutos estrangeiros adaptados à realidade brasileira através de um processo consciente, originado e controlado pela EMFA, acelerado pelo aproveitamento da estrutura física e burocrática de uma antiga instituição do Exército.” (p. 139).

A finalidade da Escola Superior de Guerra era formar militares e civis sobre a importância do desenvolvimento do país a partir da Doutrina de Segurança Nacional. Com uma finalidade didática, foi produzida uma série de apostilas para ministrar os cursos oferecidos na Escola Superior de Guerra. Entre esses materiais produzidos, durante a década de 50, encontram-se as apostilas intituladas; *Os Estudos Estratégicos de Áreas; Conceito e Caracterização de Áreas Estratégicas*, e *Conjuntura Nacional – Aspectos Geopolíticos*, ambas escritas por Golbery do Couto e Silva, na época com a patente de tenente-coronel.



Na primeira apostila, inicialmente, Silva crítica a concepção otimista da temporalidade monolinar e progressiva baseada no processo cíclico de desenvolvimento das civilizações ao longo do tempo. A trajetória da história teleológica predeterminada pelo divino, segundo Bossuet, o evolucionismo de Spencer e a lei dos três Estados de Comte são apontados como ultrapassados pela concepção da pluralidade de culturas. Partilhando do pessimismo de Spengler, sobre o iminente do declínio do ocidente, e a teoria do desafio e resposta civilizacional de Arnold Toynbee, Silva procura compreender a espacialidade brasileira inserida na dimensão cultural da civilização cristã diante das consequências de uma guerra total. A partir disso, é definindo que a área do espaço estratégico de uma nação seria “o conjunto integrado de todos os meios ou forças políticas, econômicas, psicossociais e militares que a nação considerada pode mobilizar, em circunstâncias determinadas, para fazer a guerra”. (SILVA, 1953, p. 14). No aspecto em que tange a espacialidade, responsável pela unidade política, o centro de poder é considerado o “seio de cada nação, pois, um núcleo central mais populoso, mais industrializado, (...) condensa elevada parcela do Poder Nacional e se articula a núcleos regionais secundários, (...) que por si mesma representa já um elemento de força ou vulnerabilidade real.” (SILVA, 1953, p.16). Por meio de uma equação, Silva conclui que o poder nacional consiste no somatório do poder político, econômico, psicossocial e militar. Logo, ele estabelece que o dever da Escola Superior de Guerra é pesquisar sobre as principais áreas estratégicas da espacialidade nacional.

Temos assim abordados, à luz de estudos realizados nesta Escola, os aspectos principais deste importante quanto atual problema das áreas estratégicas e dos correlatos estudos estratégicos de áreas. Fizêmo-lo buscando, muito de propósito, furtar-nos a qualquer aplicação ou mesmo referência mais direta ao caso brasileiro e isso porque, sendo o objeto deste Ciclo apenas o da apresentação de uma técnica de planejamento primário para a segurança nacional, não desejamos – nem deveríamos – avançar na solução de problemas objetivos que mais tarde serão propostos aos senhores Estagiários, quando já houverem, com base numa análise mais detida da Conjuntura, ou ratificado ou reajustado o Conceito Estratégico Nacional adotado nesta Escola para os estudos do ano em curso. (SILVA, 1953, p. 53).

Através das colocações de Golbery do Couto e Silva, à luz da *história dos espaços*, é possível compreender a Escola Superior de Guerra como uma instituição que prossegue no processo de criação do espaço de identidade do Brasil. Os fundamentos geopolíticos de Silva, através da cartografia, apresentam as regiões brasileiras integradas num panorama das tensões políticas internacionais geradas pela Guerra Fria. O saliente nordestino, espaço importante durante a Segunda Guerra Mundial, é apresentado por Silva com uma região que garante a

hegemonia do atlântico sul, enquanto a hileia amazônica desabitada e vulnerável, ambos os espaços necessitados de políticas para a integração nacional com o eixo urbano e industrializado do sudeste.

Em sequência dos escritos, na segunda apostila, *Conjuntura Nacional – Aspectos*

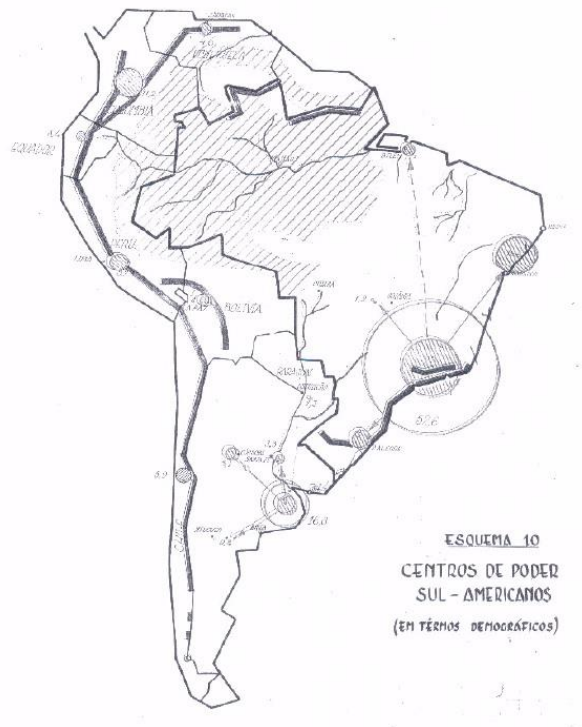


Figura 1: Mapa dos *Centros de Poder Sul-Americano*, apresentado aspectos demográficos associados com as delimitações de fronteiras. Fonte: Esquema 10, no anexo I da apostila escrita por Golbery do Couto e Silva. (SILVA, 1954, p. 60).

*Geopolíticos*, Golbery do Couto e Silva apresenta uma definição da espacialidade nacional semelhante aos aspectos apresentados pelas palestras de Jaime Cortesão no Ministério das Relações Exteriores. Na mesma apostila, a descrição espacial através da cartografia (figura 1) demonstra a distribuição demográfica na espacialidade nacional, com seus distintos focos de concentração. O mapa apela para a necessidade de apresentar uma maior unidade nacional entre o saliente nordestino e a hileia amazônica. Nas descrições demográficas dos demais países hispânicos, existe um maior destaque para apresentação das fronteiras políticas associadas com a formação fluvial. Essa mesma dimensão espacial era apresentada por Cortesão como conquista da

expansão dos bandeirantes como uma ação intencional, planejada com a coroa portuguesa sob a égide de uma concepção territorial insular na formação das fronteiras brasileiras<sup>4</sup>.

Sobre tal base física, que pela sua extensão, abrange regiões naturais, várias, caracteristicamente diversificadas e oferece amplas possibilidades de gêneros de vida e atividades econômicas complementares, como um clima que, na verdade, não é tão desfavorável como se tem apregoado por ignorância, (...) nossos antepassados - o bandeirante paulista, o criador de gado e o missionário católico - delimitaram o território nacional, pelo seu esforço incansável de desbravadores do sertão e das

<sup>4</sup> A concepção da espacialidade geopolítica exposta por Cortesão de que os bandeirantes expandiram as fronteiras brasileiras sob a perspectiva de que as delimitações formaria uma forma insular. Dessa forma, a obra de Jaime Cortesão substitui os aspectos da temporalidade histórica pelas concepções do espaço político. “Esta possibilidade de substituição do histórico pelo geopolítico é que levaria à afirmação dos temas centrais nas obras de Jaime Cortesão, tais como: a intencionalidade do descobrimento; o direcionamento precoce da penetração e ocupação do território norteada pelos mapas e pelo conhecimento indígena; a Ilha-Brasil; a atuação privilegiada de certos agentes do Estado na definição do território, da Nação e da identidade; e etc.” (PEIXOTO, 2014, 191).

matas, espreado-se desde uns poucos núcleos de irradiação – S. Vicente, Bahia, Pernambuco, Maranhão e posteriormente Rio de Janeiro – segundo rumos que traduzem, de forma mais evidente, os caminhos naturais, rios ligados pelos elos dos varadouros quando não as legendárias trilhas dos índios, que a paisagem oferecia e ainda oferecem hoje para a conquista do *hinterland*. (SILVA, 1954, p. 21-22).

Abordando sobre esse mesmo aspecto, Silva destaca no mapeamento seguinte, (figura 2)<sup>5</sup> as fronteiras do Brasil como uma formação orgânica através do fluxo dos rios, destacando em círculo, as mesmas áreas expostas no mapa anterior, na qual chama atenção para a vulnerabilidade estratégica nas regiões de fronteira com a Venezuela e as Guianas. Influenciado pelos escritos de Jaime Cortesão, Golbery do Couto e Silva demonstra que a espacialidade do território que já era conhecida pelos indígenas apenas apresentou uma unidade com a chegada dos portugueses, que através da miscigenação, gerando os caboclos bandeirantes, foram os protagonistas do expansionismo territorial rumo ao interior, formando o mito

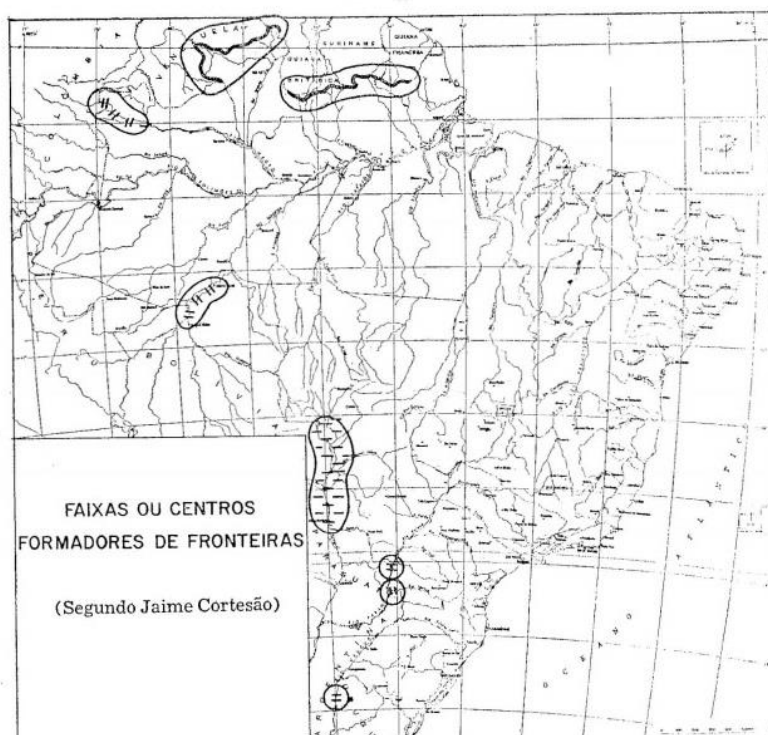


Figura 2: Mapa sobre *Faixas ou Centros Formadores de Fronteiras* de Jaime Cortesão. Fonte: SILVA, 1967, p. 67.

geopolítico da Ilha-Brasil, na qual se baseia em “(...) um Estado perfeitamente delimitado a leste pelo oceano Atlântico, desde o delta amazônico ao estuário platino, e a, oeste por dois grandes rios nascidos em oposição, de um mesmo lago imenso no interior (...)” (SILVA, 1967, p. 68). Sendo o bandeirante Raposo Tavares o maior responsável pela ação audaz e política de cumprir o expansionismo planejado pela metrópole lusitana.

A par dessa tradição fundamental, não apenas ‘geistória’ mas também do mais puro conteúdo geopolítico – como vemos – de assenhoração e manutenção de uma unidade territorial vivamente sentida e cuja chave estaria muito mais nas ligações pelo interior, contornando por oeste e grande planalto, do que num circuito costeiro

<sup>5</sup> Em um escrito de 1959, publicado na sua segunda edição em 1967, Golbery do Couto e Silva faz menção direta ao trabalho de Jaime Cortesão, Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil, escrito em 1958.

dantes tão difícil e incerto, outras cumprem assinalar, umas vigorosas ainda, outras já bem mais esquecidas, todas, porém, suscetíveis de ressurgir, mais cedo ou mais tarde, numa dessas surpreendentes retomadas da continuidade histórica de que não é escassa a evolução dos povos. (SILVA, 1967, p. 68).

Dessa maneira, a formação geopolítica da espacialidade brasileira influenciou nas concepções da política externa, iniciadas através das palestras de Jaime Cortesão no Itamaraty, nos anos 1940, e teve continuidade nas ideias da política estratégica dos militares, por meio dos cursos de Golbery do Couto e Silva, na Escola Superior de Guerra, durante os anos 1950. Aliás, a linguagem cartográfica se definiu como elemento central para consolidação de um discurso de identidade nacional. Sob o contexto da bipolarização mundial gerada pela Guerra Fria, Golbery do Couto e Silva utiliza do recurso cartográfico para justificar o discurso, e, fundamentar atividades de políticas públicas por parte do aparelho estatal em determinadas espacialidades. Essa integração era necessária para a defesa interna e externa do território nacional. Em suma, a *história dos espaços* observa a transformação progressiva e contínua da espacialidade brasileira, a partir de seus protagonistas, Jaime Cortesão e Golbery do Couto e Silva, e, respectivos centros de atuação social, no caso, o Ministério das Relações Exteriores e a Escola Superior de Guerra.

A partir do pensamento de Golbery do Couto e Silva, para a compreensão do ponto de vista estratégico da espacialidade geopolítica, é imprescindível a exposição do panorama historiográfico sobre a Escola Superior de Guerra. Poderia se observar que existem várias concepções sobre a função dessa instituição responsável pela reformulação contínua da espacialidade estratégica nacional.

## A ESPACIALIDADE DA HISTORIOGRAFIA NA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA

Como instituição formadora da espacialidade estratégica brasileira, a Escola Superior de Guerra é investigada como um espaço de construção ideológica da Doutrina de Segurança Nacional. Essa concepção doutrinária vai dar sustentação ao poder político durante o período militar (1964-1985). A Escola Superior de Guerra seria como um “lócus de produção de formas simbólicas de tipo ideológico.” (Santos, 2007, p. 155). Portanto, as primeiras concepções historiográficas sobre a ESG era de uma instituição instrumental do Estado, capaz

de elaborar uma ideologia nacional a partir da Doutrina de Segurança Nacional, na qual legitimaria as ações dos dirigentes governamentais.

Essa ótica de avaliar a ESG correlacionada como uma instituição ideológica, associada ao conceito de segurança nacional. No ano de 1975, surgem duas perspectivas sobre a historicidade espacial da inteligência militar brasileira: uma partindo da divulgação cronológica, como foi o caso do professor de direito José Alfredo Amaral Gurgel, com o livro *Segurança e Democracia*, e, uma perspectiva sociológica crítica do americano brasilianista Alfred Stephan que escreveu *Os Militares na Política: as mudanças de padrões na vida brasileira*. A perspectiva otimista de Gurgel, aluno formado pela Escola Superior de Guerra (ESG) e delegado da ADESG<sup>6</sup> no Estado de São Paulo, tratava a espacialidade da ESG como o centro capaz de difundir o desenvolvimento social e econômico através da doutrina de segurança, a fim de garantir a integridade da espacialidade nacional diante das ameaças causadas pela Guerra Fria. Dessa forma, a obra realiza um levantamento histórico das duas décadas de atuação em que a instituição foi responsável na sociedade brasileira, associando a origem da ESG às atividades militares da Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial.

No entanto, Alfred Stephan (1975) observa a formação espacial da ESG a partir de um ponto de vista muito mais sociológico do que meramente histórico. Partindo de uma fundamentação estatística, baseada na metodologia da ciência política comparativa, Stephan realizou um dos poucos estudos estatísticos sobre os militares brasileiros, usando como fonte dados sobre esses grupos sociais durante os anos 1940. Por meio disso, Stephan observou que grande parte do quadro de oficiais militares formados não fazia parte da elite brasileira. Mais da metade dos militares brasileiros advinha da classe média, muitos eram filhos de pais militares, sendo assim a atuação dos militares na política não se explicava a partir de uma atuação social, mas de uma formação doutrinária uniforme: a Doutrina de Segurança Nacional. Apesar da divergência metodológica, e de conclusões, ambos observam a formação

---

<sup>6</sup> Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra foi fundada em 7 de dezembro de 1951 com objetivo de reunir os formados pela Escola Superior de Guerra e preservar a ortodoxia doutrinária da instituição. Cf: PUGLIA, Douglas. **ADESG: Elites locais civis e Projeto Político**. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2006.



da ideologia fabricada pela espacialidade da ESG, a Doutrina de Segurança Nacional, que foi a protagonista dos acontecimentos que levaram ao regime militar em 1964<sup>7</sup>.

No entanto, ainda durante a década de 1970, há uma revitalização dos estudos espaciais na metodologia da geopolítica. Esse conhecimento estava em ostracismo devido ao estigma que a alcunha germânica *geopolitik*<sup>8</sup> possuía. Porém, Yves Lacoste retomou essa metodologia para compreender as formações conceituais dos mapeamentos espaciais<sup>9</sup>. O resgate da perspectiva geopolítica permitiu uma transformação na abordagem histórica da ESG, ao invés de apresentar de maneira sociológica as estruturas institucionais da ideologia de Segurança Nacional. A nova abordagem tornou possível tomar como ponto de partida a atuação individual dos intelectuais ao longo da história, pois a formação da espacialidade de ESG tomou uma forma muito mais humanizada e personificada através de seus pensadores, do que de um bloco institucional uniforme<sup>10</sup>. Essa nova abordagem já está nos escritos de Shiguenoli Miyamoto, *Os Estudos Geopolíticas no Brasil: uma contribuição para sua avaliação* (1981), em que a Escola Superior de Guerra é inserida numa tradição do pensamento geopolítico brasileiro e mundial.

O final do conflito mundial e o advento da Escola Superior de Guerra brasileira marcaram nova etapa nos estudos políticos. De um lado surgiu toda nova geração de estudiosos (Therezinha de Castro, Meira Mattos, Golbery do Couto e Silva, João B. Magalhães, Waldyr Godolphim e Lyra Tavares); e outro, a guerra fria fez com que estudos da recém-criada Escola Superior de Guerra assumissem caráter doutrinário. Justamente nesse período a produção de estudos geopolíticos tornou-se rica em termos numéricos e adquiriu um teor qualitativo. A Escola Superior de Guerra

<sup>7</sup> Ainda existem abordagens recentes sobre a Doutrina de Segurança Nacional e a Escola Superior de Guerra à luz do conceito de ideologia do marxismo revisado de Thompson. Cf. SANTOS, Everton Rodrigo. Ideologia e dominação no Brasil (1974-1989): Um estudo sobre a Escola Superior de Guerra. Sociedade e Estado. Brasília, vol. 22, no.1, p. 153-185, jan./abr. 2007.

<sup>8</sup> Durante o século XIX, a *geopolitik* surge entre os pensadores alemães que buscavam definições para inserção geoestratégica da espacialidade do Reich, o *lebensraum*, o Estado recém-unificado no continente europeu. Entre os principais pensadores se encontram Friedrich Ratzel, Rudolph Kjellén e Karl Haushofer. Esse último foi importante ideólogo do expansionismo alemão durante o regime nacional-socialista. Cf. BINIMELIS, Cecília Quintana. Em torno das origens da Geopolítica alemã. In: **Intellector: Revista Eletrônica do Centro de Estudos em Geopolítica e Relações Internacionais**. Rio de Janeiro, vol I, N. 5 ano III. p.01 - 20 jul/dez. 2006. Disponível online em: <http://www.revistaintellector.cenagri.org.br/ed2006-05/quintana.pdf>.

<sup>9</sup> Cf. LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra**. Tradução Maria Cecília França – Campinas, SP: Papirus, 1988.

<sup>10</sup> Ocorreram outras análises da composição social sobre a formação da Escola Superior de Guerra. Entre muitos militares também havia muitos representantes na sociedade civil. Membros da classe média, e principalmente empresários de orientação voltados ao liberalismo, como Lucas Lopes, Roberto Campos, Eugênio Gudin e Octávio Gouveia de Bulhões. “Algumas figuras proeminentes das associações de classe empresariais também apresentavam e conseguiam a aceitação de suas ideias em favor de um desenvolvimento industrial capitalista através de conferências e publicações. O grupo da ESG compartilhava com os interesses multinacionais e associação tanto a perspectiva quanto o sentido de urgência em transformar o ritmo e a orientação de processo de crescimento em direção à criação de uma sociedade industrial capitalista”. Cf. DREIFUSS, René. **1964: A Conquista do Estado: Ação Política, poder e Golpe de Classe**. 5ªed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 78.

converteu-se, a partir desse momento, no laboratório de ideias do seio militar. E de maneira tão eficaz que quinze anos depois as Forças Armadas assumiram o poder. (MIYAMOTO, S. 1981, p. 80).

A formação espacial da ESG será inserida como um resultado das discussões geopolíticas dos intelectuais. Em *Geopolítica e poder no Brasil* (1995), Miyamoto apresenta uma nova historicidade da ESG a partir das concepções dos intelectuais da geopolítica brasileira. Dessa maneira, à luz da história dos espaços, a ESG é tratada como uma instituição uniforme de classes sociais, mas é observado por meio de uma definição epistêmica sobre a espacialidade nacional, sendo a causa de origem associada às iniciativas da diplomacia pelas políticas das relações externas.

A nova abordagem irá influenciar outras análises sobre a ESG. Entre elas, podemos destacar as pesquisas mais recentes elaboradas por: Renato Amado Peixoto, *Terra Sólida: a influência da geopolítica brasileira e da Escola Superior de Guerra na política externa do Governo Castello Branco* (2000); Thiago Bonfada de Carvalho, *Geopolítica Brasileira e Relações Internacionais nos anos 1950: O Pensamento do General Golbery do Couto e Silva* (2009); *As ideias políticas como alicerce: os padrinhos do Brasil e a formação da Escola Superior de Guerra (1949 – 1954)* de Douglas Biagio Puglia (2012), e *O Ocidente como Ideal, Propósito e Programa: A ESG e a Geopolítica do Brasil de Golbery do Couto e Silva* de Luiz Henrique Felício do Nascimento (2016).

Nesses novos enfoques, as produções da Escola Superior de Guerra são traçadas a partir do conceito de cultura política. Ou seja, a ESG é analisada “sob o ponto de vista de seus fundadores ou membros importantes, mostrando que muitas das ideias e percepções da ESG não são tão artificiais como muitas das vezes se percebe ou mostra, mas sim que parte de um grupo de homens com experiências e ações concretas.” (PUGLIA, 2012, p. 66). No caso das origens da cultura política dos ideais geopolíticos que frutificaram na formação da ESG é identificado, pela investigação de Peixoto (2000), que a geopolítica brasileira estava “representada pelas iniciativas de Backheuser e dos autores militares anteriores a criação da ESG, pode ser vista numa relação de isomorfismo com a Geopolítica alemã, aonde as duas narrativas seriam comparadas visando estabelecer o seu sistema de diferenças.” (p. 105). Por outro lado, a ESG também é apresentada como resultado da política externa brasileira (PEB) de viés pró-americano.



Outra característica básica da ESG é o seu pró-americanismo, que evidentemente se reflete em sua recomendação para a PEB. [...] a experiência da FEB foi fundamental na criação dos pressupostos psicológicos dessa atitude, ao fazer com que membros das FFAA brasileiras perdessem o temor dos EUA, e ao dar experiência direta na destruição causada pela guerra. Assim, o grupo da FEB tornar-se-ia mais preocupado com a luta contra o comunismo no cenário mundial – vista como forma de evitar que se tivesse que realizar essa luta internamente – do que os oficiais das FFAA que não passaram pela FEB. Aí está uma das origens de sua militância no sentido de uma PEB orientada pelo eixo Leste-Oeste, em detrimento de outras possíveis prioridades. (BONFADA, 2009, p.77)

A influência americanista da ESG é apontada por Nascimento (2016) como fundamento ideológico de Golbery do Couto e Silva, por isso, “a ESG se constituiu numa entidade receptora e condutora de Golbery e, como ele mesmo se instituiu enquanto produtor e portador de um discurso contido [...] uma representação de Brasil inserido numa determinada ‘espacialidade’, o ‘Mundo Ocidental Cristão’”. (p. 37 -38). Dessa forma, é possível realizar uma aproximação entre a concepção política dos fundadores da Escola Superior de Guerra, proposta por Puglia (2012) e a *História dos Espaços* de Peixoto (2011b).

Por meio da utilização cartográfica, há uma influência das concepções de Jaime Cortesão em Golbery do Couto e Silva. A geopolítica é o ponto de partida para compreender a fabricação da espacialidade na Escola Superior de Guerra. Mais do que a formação ideológica da Doutrina de Segurança Nacional, a ESG, através dos escritos de Golbery do Couto e Silva, será um espaço de discussão para formação de políticas públicas em todo território nacional. A observação de que as fronteiras foram um crescimento orgânico das ações dos bandeirantes, concepção geopolítica de Golbery do Couto e Silva que mostra o espectro cartográfico de Jaime Cortesão, será de influência nas políticas diplomáticas e militares.

As palestras realizadas por Jaime Cortesão no Ministério das Relações Exteriores, em 1944, utilizavam ostensivamente a cartografia para sustentar a tese benevolente do expansionismo lusitano. Cortesão constrói no personagem de Alexandre Gusmão, o protagonismo da elaboração do território nacional, expandido devido às atividades dos bandeirantes, com a assinatura do Tratado de Madri em 1750. A apresentação desse expansionismo, demonstrado por Cortesão, no qual os bandeirantes teriam sido influenciados pela coroa portuguesa para ultrapassar rumo ao oeste, os limites do Tratado de Tordesilhas, teria criado o espaço da identidade nacional. Concomitantemente às palestras de Cortesão, a política de Vargas, durante o Estado Novo, já tinha iniciado a campanha da Marcha para o

Oeste, com a finalidade de povoar a região do atual estado de Goiás, criando a cidade de Goiânia.

A ocupação territorial do centro-oeste brasileiro será iniciada durante as políticas de Vargas, na década de 1940, sendo simultâneas as pesquisas históricas realizadas por Cortesão. Os militares, já no pós-guerra, irão continuar esse projeto de ocupação do planalto serrano, seguindo as concepções geopolíticas de integração nacional, realizadas por Golbery do Couto e Silva. Dessa forma, apenas seguindo a metodologia da *história dos espaços*, é possível identificar pela utilização cartográfica, realizadas pelos princípios geopolíticos da Escola Superior de Guerra, a continuidade da ação criadora da espacialidade do Brasil contemporâneo. Sendo, posteriormente, realizados os planejamentos governamentais de ocupação da região do centro-oeste, que ocorrerá na construção de Brasília (1960), com as obras realizadas durante o regime militar durante a década de 1970.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da *história dos espaços* é plausível compreender a Escola Superior de Guerra como uma instituição propulsora na continuidade da criação da espacialidade brasileira. As espacializações realizadas pelos cursos da Escola Superior de Guerra, de linguagem cartográfica presente nas apostilas de Golbery do Couto e Silva, não tinham apenas uma finalidade de justificar a infraestrutura hegemônica de uma classe social, tais como as interpretações historiográficas dos anos 1960 e 1970 advogavam, mas, consistia numa elaboração de um planejamento da ação que seria realizada ao longo do decorrer da história. As concepções de espaços, construídas no decorrer do tempo, transformam as relações humanas na sociedade. A espacialidade da ESG não era uma instrumentalização resultada das relações estratificadas da economia, mas ao contrário, a ESG era uma instituição criadora de espaços, que através das concepções cartográficas de Jaime Cortesão, vai transformando as relações sociais. Por isso, a ESG, mais que um instrumento ideológico do estado, consiste numa instituição criadora de uma identidade espacial. Seguindo as representações cartográficas de Golbery do Couto e Silva é possível identificar, utilizando a metodologia da *história dos espaços*, a criação de uma espacialidade nacional.

Por meio da cartografia, a Escola Superior de Guerra organiza um novo discurso sobre o espaço brasileiro que, no século XIX, era utilizado para criar um sentimento de identidade

patriótica, e, posteriormente com a finalidade de apresentar justificações geopolíticas da segurança nacional diante de um eminente conflito mundial decorrente da Guerra Fria. Por isso, tal como sugeriu Peixoto e Puglia, é válido destacar os ideais políticos para que, seja possível estabelecer o direcionamento das fabricações das espacialidades geopolíticas realizadas por uma instituição. Assim, a obra cartográfica de Jaime Cortesão é um espectro que influencia nas fabricações das espacialidades geopolíticas do Brasil realizadas, posteriormente, por Golbery do Couto e Silva na Escola Superior de Guerra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BINIMELIS, Cecília Quintana. Em torno das origens da Geopolítica alemã. In: **Intellector: Revista Eletrônica do Centro de Estudos em Geopolítica e Relações Internacionais**. Rio de Janeiro, vol I, N. 5 ano III. p.01 - 20 jul/dez. 2006. Disponível online em: <http://www.revistaintellector.cenegri.org.br/ed2006-05/quintana.pdf>.

CARVALHO, Thiago Bonfada. **Geopolítica Brasileira e Relações Internacionais nos anos 50: o Pensamento de Golbery do Couto e Silva**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009.

CORTESÃO, Jaime. **Alexandre Gusmão e a Tratado de Madrid**. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1952.

\_\_\_\_\_. **Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958.

DREIFUSS, René. **1964: A Conquista do Estado: Ação Política, poder e Golpe de Classe**. 5ªed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 77 – 82.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GURGEL, José Alfredo Amaral. **Segurança e Democracia**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército: Editora José Olympio, 1975.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra**. Tradução Maria Cecília França – Campinas, SP: Papius, 1988.

MIYAMOTO, Shiguenoli. **Geopolítica e poder no Brasil**. Papius Editora: Campinas, 1995.

\_\_\_\_\_. Os Estudos Geopolíticos no Brasil: uma contribuição para sua avaliação. In: **Perspectivas**, São Paulo. 1981. p. 75 - 92.

NASCIMENTO, Luiz Henrique Felício do. **O Ocidente como Ideal, propósito e programa: a ESG e a Geopolítica do Brasil de Golbery do Couto e Silva**. Dissertação de mestrado (mestrado em história) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grane do Norte, Natal, 2016.

PUGLIA, Douglas Biagio. **As ideias políticas como alicerce: os padrinhos do Brasil e a formação da Escola Superior de Guerra (1949 – 1954)**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2012.

\_\_\_\_\_. **ADESG: Elites locais civis e Projeto Político**. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2006.

PEIXOTO, Renato Amado. **Terra Sólida: a influência da geopolítica brasileira e da Escola Superior de Guerra na política externa do Governo Castelo Branco**. Dissertação (mestrado em história) – Faculdade de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cartografias Imaginárias: estudos sobre a construção da história do espaço nacional brasileiro e relação História & Espaço**. Natal: EDUFRN, 2011a.

\_\_\_\_\_. *Zona de Confluo*. **Revista Porto**. Natal, vol. 1, n. 1, p. 111-126, dez. 2011b.

\_\_\_\_\_. A Flecha e o Alvo – as origens, as transformações e a função do curso da história da cartografia lecionado por Jaime Cortesão no Ministério das Relações Exteriores. **Revista Antíteses**. Londrina, v. 7, n. 13, p. 184-209, jan./jun. 2014.

\_\_\_\_\_. O Modelo e o Retrato: Jaime Cortesão, a História da Formação Territorial do Brasil e a sua articulação com a ‘História da Cartografia brasileira’. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 19. p. 46-65, dez. 2015.

SANTOS, Everton Rodrigo. Ideologia e dominação no Brasil (1974-1989): Um estudo sobre a Escola Superior de Guerra. **Sociedade e Estado**. Brasília, vol. 22, no.1, p. 153-185, jan./abr. 2007.

STEPAN, Alfred, **Os Miliars na Política: as mudanças de padrões na vida brasileira**. trad. Italo Tronca. Rio de Janeiro, Editora Artenova S.A., 1975.

SILVA, Golbery do Couto e. **Os estudos estratégicos de áreas: conceito e caracterização de áreas estratégicas** - A-16-53. Rio de Janeiro: ESG – Curso Superior de Guerra, 1953.

\_\_\_\_\_. **Conjuntura nacional: aspectos geopolíticos**. C-37-54. Rio de Janeiro: ESG – Curso Superior de Guerra, 1954.

\_\_\_\_\_. **Geopolítica do Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1967.

\_\_\_\_\_. **Planejamento Estratégico**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1955.

\*\*\*

Artigo recebido em março de 2018. Aprovado em julho de 2018.